



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

MATHEUS HENRIQUE CORREIA DE JESUS

O FLAGELO DA AIDS EM SERGIPE (1981-1987)

**SÃO CRISTÓVÃO
2025**

O FLAGELO DA AIDS EM SERGIPE (1981-1987)

MATHEUS HENRIQUE CORREIA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do diploma em Licenciatura Plena em História, correspondente ao período letivo de 2024.2 da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Orientação: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

**SÃO CRISTÓVÃO
2025**

Resumo:

O presente artigo quer colaborar com a compreensão histórica do surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) em Sergipe, tendo como aporte as notícias publicadas no Jornal de Sergipe. A ideia é revisitar esta fonte no afã de tratar desta temática e considerar como este periódico tratou da veiculação da notícia sobre o assunto, seja em nível internacional, nacional e local, e de seus impactos juntos às políticas de saúde pública no Estado e na população.

Palavras-chave: AIDS, Saúde Pública, Sergipe, Hemose, Almir Santana.

Abstract

This article aims to contribute to the historical understanding of the emergence of Acquired Immune Deficiency Syndrome (AIDS) in Sergipe, using as its source news articles published in the Jornal de Sergipe. The idea is to revisit this source with the goal of addressing this topic and considering how this newspaper reported on the news about AIDS, both internationally, nationally, and locally, and its impacts on public health policies in the state and among the population.

Keywords: *aids, Public Health, Sergipe, Hemose, Almir Santana.*

Apresentação

A construção da história da saúde é um campo de pesquisa que vem ganhando força na produção histórica, com sua consolidação fundamentada na ampliação e no reavivamento de temas já consolidados. Isso promove um enriquecimento significativo para debates referentes à cultura, economia e relações geográficas. Portanto, pensar a história da doença não se restringe a entender seu impacto físico nos indivíduos assolados por ela, mas compreender dinâmicas de coletividade, gestão pública e construção social.

Nesses espaços a história sempre esteve, de algum modo, presente mais como memória e celebração do que como empreendimento analítico. As mudanças e o adensamento da história da saúde têm produzido seu reconhecimento como parte constitutiva da medicina social e da saúde coletiva no Brasil em muitas dimensões: como produção do conhecimento, como denúncia das mazelas sanitárias e celebração de conquistas, como aprendizado, como empatia com os sujeitos de suas intervenções e como elucidação do presente. Certamente apenas a história deixou de ser considerada reveladora de fatos passados e desconhecidos sobre a saúde das populações. Tornando-se instrumento crescentemente valorizado na produção de sentido, pertinência e identidade profissional e política para o campo brasileiro da saúde. (HOCHMAN et al., 2018, p.10¹)

A análise da doença como ferramenta de auxílio para o entendimento mais aprofundado das estruturas públicas e dos estigmas sociais é fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais e políticas que influenciam a saúde pública. Nesse sentido, o surgimento de uma nova doença em um contexto de grande uso de recursos informativos a nível internacional oferece uma oportunidade única para a interpretação a nível local, permitindo uma análise mais profunda das relações para sua construção.

O surgimento de uma nova doença na segunda metade do século XX modificou as relações humanas a nível global. O vírus da imunodeficiência humana (HIV), transmitido por meio das relações sexuais, principal forma de transmissão atualmente e no período analisado, bem como em transmissão sanguínea, por meio da transfusão de sangue ou da utilização de uma mesma seringa no uso de drogas injetáveis, e de maneira vertical, por meio da exposição da criança no parto, gestação ou amamentação.

No processo de transmissão, o vírus se acopla a um linfócito (T CD4), resultando no aumento viral; ao sair do linfócito, essa defesa imunológica natural do corpo perde seu potencial de atuação, e com o aumento da debilidade, aparecem as doenças. O quadro de doenças caracteriza a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), sendo assim, os

¹ HOCHAMAN, Gilberto et al. História da saúde no Brasil.

sintomas comuns a aids não são produzidos pelo HIV, esse agente viral serve como ferramenta de enfraquecimento das defesas, possibilitando o aparecimento e a manutenção de doenças oportunistas, como a tuberculose e pneumonia. Em decorrência da falta de informação científica na época, o portador do vírus HIV iria evoluir para um quadro de várias infecções, ou seja, a aids.

Tendo em vista o cenário apresentado, os jornais não distinguiram o HIV da aids, utilizando em suas publicações o termo aids para portadores com ou sem sintomas decorrentes do vírus. Atualmente é possível fazer essa diferenciação, principalmente em decorrência da evolução das ciências farmacêuticas que promoveu o uso de medicamentos utilizados para o controle viral, porém, o portador do vírus permanece nesse quadro, apresentando uma baixa viral significativa.

É relevante ressaltar que a medicina também é uma ciência que se relaciona com a história, utilizando-se do passado para interpretações do presente, sendo assim, não é possível analisar com o olhar atual as abordagens desse momento inicial, não sendo uma problemática válida, no entanto, o auxílio a manutenção de uma visão estigmatizada da doença, por meio de fontes de confiança para os jornais, pode ser analisado como aspectos prejudiciais para o próprio processo de evolução científica.

Entender o ponto de origem, o caminho percorrido pelo vírus e os primeiros diagnósticos são essenciais para a construção científica de entendimento da mutação viral. No entanto, compreender a construção do vírus e da doença ultrapassam o espaço biológico, exigindo uma abordagem mais ampla que considere as propostas de resposta científicas da época. Isso inclui analisar como a doença avança e chega em outras nações, bem como é pensada e percebida a nível local.

Além disso, é fundamental examinar como a ideologia externa invade a população junto com esses microrganismos, influenciando a forma como a doença é compreendida, tratada e controlada.

Ao analisar a chegada do vírus em Sergipe, é importante pontuar que essa não é uma pesquisa inaugural, um trabalho realizado por Élcio Luiz Santos Silva, intitulado “A 'peste gay': imprensa aracajuana e os primeiros casos de aids no Brasil”, para o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pela Universidade Federal de Sergipe em 2022, já abordou essa temática.

No entanto, é imperativo que um TCC não consegue esgotar por completo todas as nuances dessa temática. Portanto, pretendo contribuir para a ampliação do tema a ser pesquisado, não focando tanto na relação existente entre os jornais em Sergipe e a construção de uma correlação de aids e homossexualidade, já bem desenvolvida no trabalho supracitado, mas atentando a outros fatores sociais da época, como a percepção do vírus pela população, destacando relatos nos jornais de mulheres que exercem a prostituição, bem como a atuação do Hemose² e do Dr. Almir Santana. Além disso, foram utilizadas outras fontes documentais, visando ampliar o campo de pesquisa no estado.

O interesse pelo assunto iniciou na admiração pelo segmento da pesquisa histórica voltada para história da saúde e das doenças, bem como sanar dúvidas acerca do cotidiano das colunas de um jornal em convívio com a epidemia de uma doença viral, que eventualmente me aflorou durante a pandemia de COVID-19³ em 2020.

A metodologia utilizada foi a análise documental de jornais, com o Jornal de Sergipe no ano de 1987 como principal fonte. A escolha dessa fonte se deve à facilidade de acesso e à proposta jornalística, que permitiu encontrar edições digitalizadas de boa qualidade. Além disso, essa fonte oferece notícias de âmbito internacional, nacional e local, com uma ampla variedade de temas bem segmentados, embora sempre com um caráter político em seus informativos.

(...) no campo teórico do jornalismo, discutir o conhecimento que ele produz acerca da vida cotidiana parece colocar-se, muitas vezes, também como uma reflexão sobre o próprio objeto de toda ação de busca e de designação jornalística, a saber, o acontecimento jornalístico, bem como a própria realidade da vida cotidiana da qual, a princípio, o jornalismo daria conta de testemunhar, dar a conhecer e interpretar. (Gomis, 1991)

A importância da análise da mídia na compreensão da epidemia de aids reside no fato de que a mídia desempenha um papel fundamental na construção da narrativa sobre a doença e seus portadores. A forma como a imprensa representa a AIDS pode influenciar a percepção pública da doença e, conseqüentemente, as políticas públicas e as ações de saúde.

O recorte temporal foi pensado em decorrência de uma entrevista feita pelo governo de Sergipe ao Doutor Almir Santana, apresentando 1987 como o ano do primeiro diagnóstico de aids em Sergipe. Essa entrevista foi essencial como ponto de partida de interesse pelo assunto.

² Centro de Hemoterapia de Sergipe.

³Doença respiratória causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, identificada pela primeira vez em 2019 e declarada pandemia global pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2020.

Outro fator que influenciou no recorte temporal está vinculado com o tempo para a finalização desse trabalho, visando construir uma pesquisa mais completa analisando um número satisfatório de edições, me detendo assim ao primeiro ano da chegada da aids no estado.

Um fator que viabiliza a escolha do jornal está vinculado com a repercussão encontrada nele, no número de edições supracitados foi encontrado 78 edições com notícias acerca da aids, sendo divididas em 5,13% internacionais, 48,72% nacionais e 50% locais, tendo algumas edições apresentados duas ou mais notícias, dados importantes para compreender a repercussão do tema.

O artigo em questão será dividido em três partes, pensando inicialmente na aids no mundo, bem como suas discussões de origem, propagação e interpretações políticas no contexto de bipolaridade⁴; em um segundo momento a aids no Brasil, pensando sua chegada e as estratégias adotadas, retratando o cenário político-econômico, de segurança, de educação e saúde representados no Jornal de Sergipe em 1987; e em um terceiro momento pensar a chegada da aids em Sergipe pela perspectiva do Jornal de Sergipe, demonstrando como foi apresentado a percepção da população, o trabalho do Hemocentro de Sergipe e a atuação do médico Almir Santana.

A AIDS toma uma visibilidade e face próprias à medida que vai sendo publicizada pelas práticas midiáticas (...) as mídias vão, não só anunciando a noção de realidade mais convertendo-se, elas mesmos, como lugar pelo qual a realidade não passa por elas, mas também se faz nelas (NETO, p. 16⁵).

A comunicação acerca da aids passa da ideia de exclusiva reprodução dos fatos, sendo forjada por diversos meios que interferem direta ou indiretamente, podemos pensar esses vínculos da comunicação relacionados às políticas, as ciências, as religiões e o meio cultural e moral no qual estão inseridos.

A utilização desses fatores é essencial para a construção de uma narrativa sobre a doença, podendo adotar variadas vertentes, pensando nos deveres e direitos públicos, na etimologia da doença e culpabilização, a ideia de maldição ou punição divina, chegando nas ideias de crença ou descrença da doença por parte da população.

Por certo, podemos afirmar que a divulgação dessas ideias está atrelada a uma proposta discursiva, como já apresentado por Michael Foucault.

⁴ A bipolaridade na Guerra Fria refere-se à divisão do mundo em dois blocos ideológicos e políticos opostos, liderados pelos Estados Unidos e pela União Soviética de 1945 a 1991

⁵ Comunicação e mídia impressa: estudos sobre a AIDS

Quanto ao sexo e aos discursos da verdade que dele se ocuparam, a questão a resolver não será, portanto: dada a estrutura estatal, como e porque “o” poder precisa instituir um saber sobre o sexo? Também não deverá ser: a que dominação global serviu, desde o século até a preocupação em produzir discursos verdadeiros sobre o sexo? Nem tampouco: que lei presidiu, ao mesmo tempo, à regularidade do comportamento sexual e à conformidade do que se dizia sobre ele? Ao contrário: em tal tipo de discurso sobre o sexo em tal forma de extorsão de verdade que aparece historicamente e em lugares determinados, quais são as relações de poder mais imediatas, mais locais, que estão em jogo? Como tornam possíveis essas espécies de discursos e, inversamente, como esses discursos lhes servem de suporte? (FOUCAULT, 2005, p. 92).

Sendo assim, entendemos que a imagem criada referente à aids formou como ela era vista e entendida pela sociedade da época e transformou as relações com a doença e os portadores do vírus, pensando inicialmente em suas práticas e condutas sexuais, bem como a marginalização dessas, inicialmente vinculada aos homossexuais.

Pensar sobre o impacto da moralidade nesse contexto social, em conjunto com os discursos vinculados na comunicação, possibilita entender as relações de controle dos indivíduos, temática presente em algumas notícias, tendo em vista a ligação entre as ações consideradas de risco, no contexto da pesquisa, vinculadas a uma parte específica da população e associadas a um discurso de autoridade, promovido por médicos, políticos e religiosos, que fundamentavam essa imagética do vírus pertencente ao “outro”, e não a um problemática comum a todos.

1. A aids no mundo

A primeira menção da aids aconteceu em 5 de junho de 1981 pelo *Center of Disease Control*⁶ (CDC), instituição norte-americana responsável por vincular recomendações de saúde. O boletim apresentado pelo CDC descreveu o quadro clínico de cinco homens na faixa dos 30 anos que residiam em Los Angeles, Estados Unidos, todos apresentavam infecções oportunistas⁷. Esse momento marca o início da identificação de uma nova afeção médica, que seria posteriormente reconhecido como a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS).

Nesse ponto, é importante salientar como se dá o processo clínico de reconhecimento de padrões médicos, segundo o médico Jean-Charles Sournia, em sua colaboração para o livro "As doenças têm história", de Jacques Le Goff.

⁶ Centro de Controle de Doenças

⁷ Doenças causadas por agentes patógenos que aproveitam a fraqueza do sistema imunológico

(...) as doenças têm apenas a história que é atribuída pelo homem (...) os sinais que um observador pode contar as lesões anatômicas, por vezes, uma causa ou um germe casual, e a este conjunto aplicamos uma etiqueta chamada diagnóstico, do qual decorre um tratamento destinado sobre os sintomas e, se possível, sobre a causa (SOURNIA, p. 210).

Essa reflexão é fundamental para entender como o processo científico foi pensado e como a primeira movimentação que correlacionava o quadro infeccioso desses cinco indivíduos à sexualidade que compartilhavam, a homossexualidade, como semelhança foi estabelecida.

A noção de que o processo científico é influenciado pela percepção humana e pela busca por significado é crucial para compreender como a aids foi inicialmente identificada e como a sua compreensão evoluiu ao longo do tempo. Além disso, é importante notar que os próximos boletins médicos divulgados por Nova York e Califórnia também apresentaram casos semelhantes, o que reforçou a hipótese de que a aids era uma doença relacionada à sexualidade.

A união de um conceito médico do momento com processos morais pré-existentes acarretou o surgimento de várias nomeações pejorativas acerca da doença. Como apresenta o livro "História da Saúde no Brasil", no capítulo "Epidemias do Século XX" escrito pelas cientistas Anne Jacqueline Torres Silveira e Edilene Raimundo do Nascimento, essas nomeações incluíam expressões como "pneumonia gay", "câncer gay", "síndrome gay", "peste gay" e até mesmo "síndrome da ira de Deus", essa associação entre a doença e a homossexualidade reforçou a mácula já existente em torno da comunidade. Esse estigma foi reforçado na primeira publicação de jornal realizada em 3 de julho de 1981 no *New York Times*, a publicação declarou em sua manchete "Câncer raro visto em 41 homossexuais", reforçando a ideia de que a doença estava diretamente relacionada à homossexualidade masculina.

Somente no ano seguinte, em 1982, foi cunhado o termo síndrome da imunodeficiência adquirida, e em 1983, o pesquisador Luc Montagnier, do Instituto Pasteur, descobriu o vírus responsável pela doença. Com o isolamento do vírus, foi possível pensá-lo no âmbito científico e foi denominado vírus da imunodeficiência humana (HIV).

Estudos científicos indicam que o HIV pode ter surgido nas regiões africanas central e oriental, onde foi encontrada uma amostra viral semelhante ao HIV em macacos verdes africanos. O vírus da imunodeficiência símia (SIV) encontrado nesses macacos compartilha

semelhanças com o HIV como apresentado no artigo "Fever of Unknown Origin Due to Zoonoses"⁸.

(...) fontes de infecção foram identificadas como chimpanzés (*Pan troglodytes*) e macacos verdes africanos. O vírus da imunodeficiência simia resultou em uma infecção humana crônica (...) há pelo menos oito incidentes documentados de transferências zoonóticas de vírus da imunodeficiência simia para humanos. (Cleri DJ et. al.)

Pesquisas recentes sugerem que o vírus HIV pode ter circulado na região sul do deserto do Saara, no continente africano, entre os anos de 1960 e 1970, e até mesmo na década de 1930, no entanto, devido à complexidade do diagnóstico, esses casos podem ter sido classificados como outras doenças provenientes de infecções oportunistas.

A não descoberta do vírus anteriormente no continente africano pode ter impedido a conexão inicial entre a aids e a África. A classificação científica pode ser estigmatizante não apenas em detrimento das relações sexuais e comportamentais de culturas, mas também em relação ao espaço geográfico.

O grupo de risco foi ampliado para incluir homens que se relacionavam sexualmente com homens (homossexuais e bissexuais), hemofílicos⁹, usuários de drogas injetáveis e haitianos. Como apresentado em uma notícia do Instituto Pasteur, intitulada "40 anos da descoberta do HIV: os primeiros casos de uma doença misteriosa no início da década de 1980", publicada em 5 de maio de 2023, podemos perceber como era denominado esse grupo em 1982: *"Está síndrome passa então a ser chamada de 'doença 4H' para designar os homossexuais, os heroínados, os hemofílicos e os haitianos, antes de compreendermos que não diz respeito apenas 'a estas populações'.*

Entender como o uso do termo "grupo de risco" pode ser problemático em determinados contextos é essencial para compreensão de como essa população passou a ser representadas nas notícias acerca da aids. Por constatar muitas pessoas diagnosticadas com a doença no Haiti, todo um território passa a ser apresentado como um potencial risco, isso interfere diretamente em como membros dessa nação são recebidos e aceitos nessas outras fronteiras geográficas. E analisar o discurso da aids nesse momento histórico é pensar sobre a ideia construída sobre o "outro", sendo esse outro não pertencente a minha nacionalidade, aos meus hábitos, a minha moral e a minha sexualidade; a busca discursiva de encontrar o "erro no outro" que viabilize a ideia de que o problema não é do "eu", e por consequência, estando o "eu" afastado da ideia construída desse "outro", simboliza o distanciamento da possibilidade

⁸ Febre de origem desconhecida devido a zoonoses

⁹ Indivíduo acometido por um distúrbio genético e hereditário que afeta a coagulação do sangue, a hemofilia.

de ser infectado e por conseguinte, de ficar doente; no entanto, com o passar do tempo isso vai se modificando e reestruturando, até ser entendido que todos estavam sujeitos ao vírus, sendo mais importante pensar as suas ações, essa mudança levou muito tempo, principalmente por já está bem fundamentada a errônea ideia de “grupos propensos a aids”.

Essa narrativa se estende no decorrer do tempo e espaço físico, ao longo do desenvolvimento desse trabalho iremos abordar novamente essa ideia do “outro”, em territórios mais amplos ou mais restritos, em momentos diferentes da aids no mundo. Por hora, é importante nos determos na ideia prejudicial ligada ao grupo de risco e a aids, sendo mais aconselhável pensar em atitudes de risco, termo que já começava a ser difundido por grupos não governamentais em combate a doença e destoante da promovida cientificamente.

Tendo a ideia desse “outro”, podemos pensar em como eram retratadas as notícias sobre outras nacionalidades no Jornal de Sergipe em 1987. Tendo como fonte duas notícias acerca da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ou simplesmente a União Soviética. Está estava inserida em um contexto mundial de bipolaridade política, juntamente com os Estados Unidos (EUA), como as duas super potências, principalmente no que se refere ao âmbito econômico e militar.

Tendo em vista que já foi pontuado a forma como o EUA lidou inicialmente com a chegada do HIV, mostrasse importante entender a narrativa construída por esse outro líder global da época.

Segundo o “The Blame Game: The USSR’s Response to HIV/AIDS¹⁰” escrito por Svetlana Ter-Grigoryan, doutora em História Russa, apresenta que:

Em particular, a abordagem da União Soviética ao HIV/AIDS no final da década de 1980 — como as autoridades inicialmente culpavam nações estrangeiras pelo vírus e negaram a possibilidade de ampla disseminação comunitária entre a população soviética. (Ter-Grigoryan. 2020)

Novamente a ideia do outro como sendo o inimigo aparece, se mantendo assim no decorrer do texto, onde o discurso: “*Os virologistas soviéticos também foram rápidos em acrescentar que, dos 565 infectados, cerca de 70-80% eram estrangeiros*”, corrobora para a interpretação de ameaça externa.

Nesse contexto, a notícia acerca da URSS que apareceram no Jornal de Sergipe em 9 de setembro de 1987, na coluna “Atos e Fatos”, escrita por João Barreto Neto, nessa edição, uma nota curta intitulada “AIDS na URSS” chama a atenção. Ela menciona um decreto da

¹⁰ O Jogo da Culpa: A Resposta da União Soviética à HIV/AIDS

União Soviética que prevê punições para aqueles que transmitirem o vírus HIV e para os que se expuserem ao vírus. A posição governamental surpreende ao adotar uma medida que visa punir os portadores do vírus.

A posteriori a edição do dia 22 de setembro de 1987, intitulada "URSS e EUA podem doar recursos de 10% para AIDS", apresenta pela Organização Mundial da Saúde (OMS) uma proposta inovadora para a época. Ela foi apresentada durante a primeira teleconferência panamericana sobre a aids, realizada em Quito, Equador, nos dias 14 e 15 de setembro. A proposta visava estabelecer um diálogo entre as duas grandes potências globais, Estados Unidos e União Soviética, com o objetivo de destinar 10% do orçamento das armas nucleares para fortalecer os serviços de saúde primários e combater a aids, além disso, também se propunha o perdão de 10% das dívidas externas dos países em desenvolvimento, para que pudessem reverter esses recursos em programas de combate à aids.

Porém essa não foi a primeira vez da OMS aparecendo no jornal esse ano, em 17 de março de 1987, o Jornal de Sergipe publicou uma notícia sobre a aids, intitulada "AIDS: perplexidade e pânico", na seção de opiniões. O texto apresentou perspectivas alarmantes sobre a doença a nível mundial, com base nas declarações de Jonathan Mann, responsável pelo programa da OMS, no entanto, o autor do texto também apresentou uma perspectiva crítica sobre as campanhas nacionais de prevenção à aids, argumentando que elas eram alarmistas e podiam causar pânico desnecessário. O contraponto entre o externo em crise e o interno sem a necessidade de tamanho alarde, na seção de opinião, apresentam novamente a problemática do externo, em um momento após 4 anos do primeiro diagnóstico no Brasil. A forma como a sociedade abordava o assunto da doença está presente em outras edições.

Em seguida, em 17 de abril de 1987, o jornal publicou uma notícia intitulada "Padeiro e AIDS" na seção de sociedade, mais especificamente na coluna "Rotatividade Externa". A notícia relata a história de um padeiro de Chioggia, Itália, que foi afetado por um boato de que tinha aids, o que estava prejudicando seu negócio. Para desmentir o boato, o padeiro distribuiu panfletos com um atestado médico que comprovava que ele não tinha a doença. Essa situação inusitada denuncia o estigma da doença, sendo um boato potencial para prejuízos econômico e de desvalorização social.

Para além da ciência e sociedade, como já apresentados, outros grupos validavam entendimentos acerca da aids, fomentando suas visões dentro dos espaços de mídia, um exemplo disso são as religiões; por se tratar de um vírus que pode ser transmitido também por relações sexuais, os princípios religiosos, principalmente de vertente cristãs e a forma como as

instituições abordaram essa temática é essencial para uma compreensão mais nítida da sociedade do período analisado.

Segundo o artigo “Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007” a porcentagem estimada de cristãos no Brasil em 1980 era de 95,6% da população, ou seja, é possível concluir o acesso das ideologias cristãs na sociedade, bem como o efeito dos seus posicionamentos nos jornais e outras formas de mídia. As diversas publicações como falas religiosas indo contra a o uso da camisinha, em decorrência de suas crenças, serve como argumento de autoridade em discursos jornalísticos e impactam diretamente a conduta da época.

Com que intensidade as movimentações políticas, econômicas e sociais apresentadas podem interferir nas abordagens nacional? Compreender o cenário brasileiro é imprescindível para responder, possibilitando por meio das fontes entender como as medidas governamentais eram divulgadas e questionadas.

2. A AIDS NO BRASIL

Em decorrência do espaço de tempo entre o primeiro diagnóstico nos Estados Unidos em junho de 1981, e o primeiro em território brasileiro em junho de 1982, já é de se esperar que as notícias referentes ao vírus estão mescladas com todo o estigma correlacionado no momento; o periódico da Folha de S. Paulo com o título “Doença dos homossexuais atinge o país” apresentando dois casos de aids em São Paulo, corroborando para conexão entre aids e homossexualidade.

Um artigo recente, “Sangue impuro: especialistas, instituições e autoridade cultural no contexto da Aids no Brasil” apresenta o perfil dos primeiros casos no território nacional.

No Brasil, os dois primeiros casos de Aids foram noticiados pela médica dermatologista Valéria Petri, pesquisadora da Escola Paulista de Medicina (EPM), em 1982: dois rapazes homossexuais, de 30 e 32 anos, de São Paulo, com sarcoma de Kaposi, que haviam voltado de viagem recente aos Estados Unidos. (GUGLIOTTI, 2024, n.p.)

Ao podcast Ciência Suja, no episódio publicado em 30 de setembro de 2021, “AIDS: epidemia de preconceito” que aborda o estigma da doença, a médica Valéria Petri identifica sua abordagem clínica como o possível motivo de ser a primeira a diagnosticar o quadro clínico no Brasil, demonstrando que havia uma dificuldade de atuação médica com os homossexuais, vinculado a linguagem e enrijecimento dos conceitos morais, que limitavam a

relação médico e paciente, essa problemática referente ao despreparo dos funcionários da saúde aparecem em algumas notícias encontradas.

Em 1985, com a morte de Tancredo Neves e a chegada de Sarney à presidência, somente nesse momento, vai ao ar nas televisões a primeira campanha mais direcionada a aids, como interlocutor da mensagem foi escolhido o jogador de futebol e médico Sócrates, muito conhecido por suas reivindicações políticas e democráticas anos antes ao atuar no Sport Club Corinthians Paulista.

Com relação as campanhas nacionais que foram divulgadas no Jornal de Sergipe em 1987, são de extrema relevância elaborar, detalhar e engrandecer uma edição que se diferencia de todas as outras, sua comunicação visual e científica apresenta um cuidado fundamental para a educação acerca do vírus HIV e da aids.

No dia 16 de agosto o jornal apresentava no topo de sua edição uma grande manchete “AIDS: medo e pânico nas cidades fazem mudar comportamento”, direcionando o leitor para as páginas 8 e 9, apresentando-lhes uma reportagem especial sobre a aids, intitulada “Medo da AIDS causa pânico e muda todo comportamento”, podemos notar inicialmente a estratégia alarmante que busca capturar a atenção, comum dentro dos veículos de comunicação impressos, no entanto o texto que ocupa as duas páginas do jornal está repleto de ciência e uma linguagem que visa sensibilizar o leitor.

O redator Alfeu Ruggi inicia seu texto com um discurso que visa suavizar o leitor acerca do estigma da homossexualidade, apresentando uma breve narrativa de liberdade sexual e repressão em decorrência da AIDS, e com o uso de codinomes de portadores da doença e dos relatos do médico psiquiatra Teodoro Picnik e da Dr. Valeria Petri, já citada anteriormente, possibilitou a humanização desse grupo social estigmatizado.

O texto segue com uma estrutura de perguntas e respostas, ao que indica ser uma tradução de um texto jornalístico dos Estados Unidos, não perdendo com isso seu grau de importância e conexão com os acontecimentos locais, sendo possível notar o cuidado ao responder diversas perguntas com um rigor científico, apresentando causas e possibilidade, criando cenários hipotéticos para sustentar argumentação, e quando necessário abriu espaço para enxertar um observação já atualizada que diferenciava a apresentada no texto, acerca da não contaminação pela saliva, visando promover uma propagação verídica e assertiva da aids no momento. Podendo perceber também a dinamicidade existente nesse período, as buscas por respostas e cura, acelerava o cenário científico.

As notícias encontradas mostram-se relevantes para uma melhor compreensão de campos econômicos, religiosos, políticos e sociais desse período, promovendo pistas das interferências relacionais entre esses e a aids.

Dentre as fontes encontradas é possível segmentá-las em grupos, tendo em vista as várias vertentes que impactavam e eram atingidas pelos vírus em âmbito nacional, as notícias veiculadas no estado em 1987 serve como parâmetro para entender uma parte de como estava sendo a divulgação nacional no jornal local, e posteriormente suas semelhanças com o cenário sergipano.

2.1- Política e economia

No dia 8 de janeiro, uma notícia do Rio de Janeiro anunciou que a aids teria um combate sistemático. Um encontro estava marcado para o dia 9 de janeiro, com o objetivo de entender o número atualizado de pacientes diagnosticados e o custo individual desses. A ideia era construir uma proposta de programa econômico para aumentar o número de leitos no país, que na época era de apenas 100 leitos, com 981 pacientes diagnosticados até 20 de novembro de 1986. Essa iniciativa demonstrava a preocupação crescente com a epidemia de aids e a necessidade de uma resposta mais eficaz por parte das autoridades.

Notícia do dia 4 de fevereiro, o especialista em aids da Organização Mundial da Saúde OMS veio ao Brasil em busca de recursos para um combate a Aids a nível Mundial, a notícia apresenta que os Estados Unidos já contribuíram com 40 milhões, enquanto o Brasil aplicará 7 milhões, e segue apresentando dados gerais da aids no mundo e apresenta uma preocupação maior com o continente africano pelo grande número de pessoas portadoras do vírus HIV com 3 tipos de mutações diferentes.

Em 5 de fevereiro, a notícia apresenta uma proposta de reforma do sistema previdenciário que vai ser encaminhada em março ao congresso nacional, com o objetivo de incluir a aids como apito ao auxílio-doença e pensão por invalidez.

Ainda no dia 5 de fevereiro, a vinda do diretor do programa da aids da OMS apresentou em Brasília um cenário global provável, demonstrando grande preocupação com o aumento de diagnósticos de aids no mundo, pontuando principalmente os casos na Europa e no continente africano a situação na América Latina é apresentada pelo coordenador do programa de aids na América Latina Dr. Fernando Zacharias, demonstrando uma grande preocupação pelo aumento do número de casos. A fala do Brasil na palestra promovida em Brasília apresentava um plano de governo no qual destina-se 30 milhões de cruzados na campanha a doença no território nacional

26 de abril, uma pequena nota apresenta como camelôs (vendedores ambulantes informais) do Rio de Janeiro montaram barracas na frente de estabelecimentos destinados à prostituição, e lucram com a venda de preservativos.

5 de junho, a notícia apresenta uma movimentação do governador de Minas Gerais, passando o hospital do pronto socorro da secretaria da saúde para secretaria de segurança, essa mudança de gestão política tem como finalidade acabar com a greve dos médicos, tendo em vista o aumento do piso salarial resultante dessa mudança, no entanto o hospital passaria a ser de emergência, perdendo assim os três principais leitos voltados para atendimento de aids com equipamentos especializados.

10 de junho, a notícia apresenta um debate entre deputados acerca de um projeto que trata do respeito a orientações sexuais, na qual os discursos políticos se entrelaçam com perspectivas religiosas. Em dado momento o deputado Antônio de Jesus do PMDB Goiás também evangélico apoia a tese de não existência de uma violência aos homossexuais e vai além dizendo que a aids é uma maldição resultada do desvio do sexo.

Notícia de 12 de julho, o procurador de justiça dos comerciantes do Rio de Janeiro, Hélio Gama, pretende entrar com uma ação civil pública para garantir o controle de qualidade dos preservativos, sua iniciativa parte de um campo pessoal, uma análise mais ampla sobre a eficácia do produto farmacêutico que sai da utilidade única de antissepsia e passa para um princípio clínico, obtendo como resposta do Inmetro¹¹ a promessa do lançamento de normas técnicas para os preservativos até o final do ano.

Em 24 de julho, após apresentar a perspectiva de aumento de 100% dos 1.700 casos já diagnosticados no Brasil, a notícia visa alertar sobre o provável fechamento do Hospital Universitário Gaffree e Guinle, que mantém há quatro anos um dos mais importantes centros brasileiros de tratamento e pesquisa aidéticos, o possível fechamento se dá em decorrência da falta de auxílio governamental, dentro do âmbito econômico, desde o início das suas atividades no tratamento da aids em 1983, não foi destinada nenhuma verba governamental para o hospital, no entanto acaba de ser destinado 40 milhões para o Hospital do Fundão¹² inaugurar o centro de atendimento aos acometidos pela aids.

A notícia de 16 de setembro, busca informar sobre a problemática construída pela imprensa norte-americana "Welcome", e por meio de notícias e da falta de movimentação política estaria impedindo o início da produção de AZT, nova medicação que auxilia no aumento de expectativa de vida dos portadores do vírus HIV.

¹¹ Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia.

¹² Hospital Universitário Clementino Fraga Lima.

Já em 20 de novembro, o estado de São Paulo apresenta 1289 casos confirmados neste momento, e começam a executar políticas de educação para combater a doença.

Por meio dessas notícias é possível perceber um fragmento de qual era o cenário político e econômico nacional, os investimentos e a reprodução dos estigmas. No entanto, outro aspecto recorrente nas notícias está vinculado a segurança.

2.2- Segurança

Na notícia de 3 de abril, um detento em São Paulo, acometido pela aids que buscou o indulto¹³ invocando sua qualidade de doente terminal, foi negado o benefício utilizando-se amparo legal, e apresentando uma imagem de ética discursiva acerca da possibilidade de transmissão e do aumento de criminalidade aplicada por esse indivíduo tendo em vista seu estado terminal, a notícia ainda apresenta a realidade carcerária de acometidos pela aids sendo atendidos nesse departamento médico, 15 indivíduos.

Notícia de 21 de maio, a notícia de Brasília apresenta uma proposta a ser abordada pelo Ministério da Saúde e da Justiça buscando registrar detentos com HIV, em decorrência da ausência de estatísticas para o controle nos espaços penitenciários.

Em 31 de maio, a notícia em Vitória, apresenta o pedido de habeas corpus¹⁴ de um presidiário com aids que apresenta medo em receber atendimento médico, acreditando que seria assassinado em decorrência das ameaças realizadas por outros detentos, que segundo ele temiam serem infectados.

A inusitada notícia de 11 de junho, apresenta um linchamento¹⁵ em Manaus que foi impedido pela fala do suposto ladrão, que disse, "não toque em mim, eu estou com aids. Se me matarem vão contrair o vírus" segundo apresentado na nota de jornal essa foi a primeira vez que um ladrão escapou de um linchamento no bairro.

Na capa do jornal de 16 de julho, a notícia apresenta uma possível quadrilha de portadores do vírus HIV, que possuíam uma premissa na qual acreditavam que por estarem infectados outras pessoas deveriam se infectar também, praticando assim violência sexual contra casais, relatadas em diversas ligações anônimas, no entanto, mesmo com o aumento de casos desse perfil na região não foi apresentado por nenhuma das vítimas falas que indicam isso, porém é necessário entender as nuances acerca do estigma da aids dentre esse contexto, e o medo de ser visto socialmente como um possível doente.

¹³ Benefício que extingue a pena de um condenado.

¹⁴ Ação judicial utilizada para prevenir ou corrigir detenções consideradas ilegais.

¹⁵ Assassinato de uma ou mais pessoas cometidas por uma multidão.

Em 6 de setembro. A notícia apresenta a fuga de um menor de dezoito anos do Hospital Central Roberto Santos, em Salvador, após ser diagnosticado com o vírus HIV, inicialmente expressou tendências suicidas, posteriormente efetuando cortes no corpo e ameaçou contaminar médicos e seguranças para sua fuga, o estado da Bahia foi o primeiro a localizar menores portadores do vírus.

Notícia de 11 de outubro, visando compreender o cenário da proliferação do vírus em pessoas privadas de liberdade, no dia 20 do mês e ano de publicação, serão analisadas problemáticas de superlotação, relações sexuais e uso de drogas nas prisões, bem como políticas de educação e incentivo para coleta de dados penitenciários em estados menores do país.

Em 25 de outubro, demonstram a narrativa de defesa de uma dependente química e portadora do vírus HIV que foi acusada de estar proliferando o vírus de maneira intencional para outros usuários. É possível encontrar a continuação desse caso no dia 27, sendo entendido que uma mulher de 18 anos buscando emprego em uma nova cidade passa a morar com um casal de usuários de drogas e em decorrência das festas, com o suposto intuito de proliferar a doença, decidiu sair do local e denunciar para as autoridades policiais e mesmo com a proteção sofria ameaças de traficante da região e por isso se escondeu.

A surpreendente notícia de 12 de novembro, resultante da suspeita de um quadro clínico de aids levou ao desejo de divórcio de uma esposa que resultou no seu assassinato e esquartejamento, o crime foi cometido por seu marido, que não aceitou a separação, e após o assassinato ele enterrou o corpo no quarto onde dormiu mais cinco dias, até ir em uma cidade próxima realizar o teste de HIV e descobriu que na verdade era acometido por uma anemia profunda. Foi apreendido em Belo Horizonte e confessou o crime.

As notícias acerca da relação entre segurança e aids está muito presente nos informativos, pontuando como a complexidade jurídica de uma nova doença, bem como as violências relacionadas a elas. Grande parte dessa temática está vinculada a falta de informação e amparo de uma segurança e saúde pública atuante, sendo assim, é necessário entender o cenário da educação e saúde apresentadas nos jornais.

2.3- Educação e saúde

Notícia 21 de fevereiro, a campanha sobre a síndrome da imunodeficiência adquirida e como preveni-la, esta é a preocupação central da campanha educativa do Ministério da Saúde a ser lançada por todas as emissoras de televisão a partir de hoje e com duração de 3 meses

A notícia 23 de fevereiro, apresenta na notícia uma proposta de linguagem simplificada na campanha buscando acessar o maior público possível sendo apresentada nas emissoras de TV, jornais e revista de todo o país, a campanha tem como finalidade apresentar mecanismos de prevenção e alertar sobre os riscos de contaminação, bem como educar a população acerca do assunto, mesmo com a proposta abrangente ainda se utiliza da ideia de grupo de risco. Busca informar aos usuários de drogas injetáveis formas mais seguras de fazer e visando também desestimular a prática, outra preocupação é referente a doação de sangue que vem diminuindo, porém não apresentam mecanismos seguros e eficazes para estimular a população a doar sangue.

Notícia 24 de fevereiro, campanha promovida pelo governo nacional, apresentando informações para esclarecimento e métodos de prevenção da população; a campanha apresenta quatro imagens que buscam chamar a atenção do leitor.

Em 9 de junho, a notícia apresenta uma fala da médica Maria Helene Ruzany, presidente do segundo Congresso Brasileiro de Adolescência que aconteceu no Rio de Janeiro, demonstrava sua preocupação com relação à educação sexual de adolescentes e o impacto das campanhas nacionais e locais acerca da probabilidade de uma repressão oriunda desses, a médica acredita que para além de um discurso pessimista de sexo igual à aids, é necessário apresentar formas e mecanismos de um discurso de prática sexual segura para que os 23% da população brasileira de adolescentes absorvam de maneira mais segura o efeito de alteração comportamental resultante do vírus.

Em 25/02, o Brasil poderá começar a produzir o medicamento AZT, já produzido nos Estados Unidos e na Inglaterra. Ele visa minimizar os efeitos da AIDS, evitando a possibilidade de pneumonia e prolongando a vida do paciente. Ainda não é considerado o medicamento ideal, tendo em vista seus efeitos colaterais, que podem causar anemia. Em decorrência da grande demanda nos países que produzem o medicamento, ainda não foi possível testá-lo no Brasil, no entanto, começam os trâmites para aprovação da produção no território nacional.

Notícia do dia 28 de julho, repercute falas da especialista em imunologia pediátrica Rebecca Buckey, durante o Congresso Brasileiro de Alergia e imunologia em Pediatria. Podemos encontrar nessa fonte dados referentes a principais formas de contaminação feminina, em primeiro lugar estando o uso de drogas, seguido da prostituição, promiscuidade sexual e a relação com maridos bissexuais. Ao contrário dos Estados Unidos, na qual a contaminação pediátrica se dá por diversos fatores, no Brasil dos 45 casos pediátricos a

principal forma é a transfusão de sangue, nesse sentido a especialista afirma a necessidade de maior Rigor no processo de doação de sangue.

A notícia do dia 30 de julho, apresenta que os professores de ciências da rede Municipal de Ensino de Campinas estão desde ontem recebendo explicações sobre as formas de contágio da aids e as preocupações necessárias para evitar a contaminação. Na próxima semana, eles começaram a repassar as informações para cerca de 5.000 alunos da quinta a oitava a série, dentro do projeto "AIDS: uma questão de educação", organizado pela Secretaria Municipal de Educação e Saúde, com orientação técnica do Centro de Controle e Investigação Imunológica do Dr. Corsini, criado em dezembro do ano passado por um grupo de médicos, psicólogos e fisioterapeutas, o centro fornece assistência ambulatorial e odontológica para portadores do vírus. Para ampliar o projeto, nas salas de aulas professores contaram com slides e uma cartilha com o jogo das quatro letras, criadas pelo Portal Publicidade de Campinas, o jogo se baseia nas palavras "Amor, Sexo e AIDS", todos de quatro letras que formaram os jogos de palavras cruzadas sobre questões relacionadas a cada uma delas, a carteira inclui ainda um questionário com perguntas específicas da aids, que os alunos deverão discutir com os responsáveis e um amigo, a fase seguinte do programa mobilizará associações de pais e mestres e sociedade de amigos de bairros tendo como orientadores os próprios estudantes e os professores.

Notícia 2 de agosto, apresenta que no Brasil existem 3 milhões de pessoas contaminadas pelo vírus da aids, entre 105 e 300 brasileiros estão infectados pelo vírus, mas ainda não apresentam qualquer sintoma, e de 9 a 15 mil pessoas já demonstram os primeiros sinais consequentes da possível infecção, embora não sejam considerados casos reais. Os dados fazem parte de projeção elaborada pelo Programa Nacional de Controle da Aids do Ministério da Saúde ponto conforme a coordenadora do programa Lais Guerra Macedo, para que estes resultados fossem alcançados, a projeção partiu do pressuposto que cerca de 50% dos casos reais de aids não são notificados, unindo a taxa de notificações ocorridas até o mês de julho obtém-se um total de 3.000 casos, a partir daí levamos em consideração que cada paciente de AIDS pode ter infectada de 50 a 100 pessoas o que leva aos demais dados. O documento apresenta os conceitos básicos sobre a aids mostrando quais são as doenças moderadamente identificadas da falta de defesa celular e critérios clínicos e laboratoriais para estabelecimento de diagnóstico além de apresentar medidas de controle e operações que devem ser adotadas em relação à doença.

A notícias de 6 de agosto, retrata que a comissão nacional de apoio ao controle de aids do Ministério da Saúde está preocupada com a possibilidade que a atividades de profissionais

liberais como dentistas, manicures, tatuadores e acupunturistas possam contribuir para a disseminação do vírus. Embora nenhum caso deste gênero tenha sido identificado, a nível de prevenção será elaborado até o final deste ano um manual tratando dos cuidados necessários no uso de injeções e objetos perfura cortantes, o manual enfatizará a necessidade do material descartável como injeções não serão reutilizadas, quanto ao equipamento de vidro devem ser devidamente esterilizados, com a mesma recomendação sendo útil no caso de objetos perfurocortantes como alicates ou agulhas para tatuagem, mesmo os centros de saúde e instituições do setor receberão o manual como forma de prevenção do contágio.

Em 10 de agosto, apresenta que os alunos do supletivo da rede de ensino de Brasília já começaram a obter informações sobre a aids através de filmes produzidos pelo Núcleo de Teleeducação da Fundação Educacional do Distrito Federal, "Vamos acabar com a alienação nas escolas, levando questões de interesse social" afirmou o diretor executivo da fundação, José Silva Quintas; cada um dos 16 complexos escolares do Distrito Federal vão contar com um dos filmes de 5 minutos de duração que serão exibidos durante as aulas de biologia e programa de saúde.

16 de setembro, essa notícia visa apresentar o impacto da campanha de combate à aids, apresentando o Brasil como segundo país em índices da doença, em pesquisa realizada com 565 homossexuais, apresentou 57% de alterações nos hábitos sexuais em decorrência da doença.

Em 17 de setembro a empresa Salck Indústria e Comércio de produtos biológicos Ltda., volta a produzir kits para diagnóstico de aids, após a liberação do Ministério da Saúde, por atender as exigências sanitárias, possibilitando suprir as demandas nacionais.

Na notícia em 25 de setembro, encontramos um alerta, na coluna de opinião do jornal, acerca do comércio de sangue empregado no Brasil, pontuando que boa parte das doações são realizadas por pessoas marginalizadas, que em decorrência da ausência de uma política de assistência, utilizam as doações de sangue como forma de conseguir alimento; outro ponto relevante, consiste na ausência de testagem sanguínea e os danos mortais provenientes da ausência de análise clínica.

Notícia de 26 setembro, apresenta a comercialização do AZT, fabricado pelo laboratório *Welcome*, exigindo alterações nas embalagens e bulas, que devem ser escritas em português, e a retenção das receitas em farmácias para adquirir o medicamento, destinados a casos avançados da Aids.

8 outubro, a notícia visa apresentar dados atualizados do contexto nacional, dos 2.102 casos registrados, 49,5% já vieram a óbito, e estando o estado de São Paulo liderando com

1.239; um dado relevante referente a transmissão sanguínea, sendo possível perceber a proximidade dos 102 relativos ao uso de drogas e os 100 por transfusão de sangue, números muito aproximados, no entanto, as relações sexuais ainda possuem o maior índice de transmissão 1631 dos 2.102, tendo como perfil mais comum homens maiores de 15 anos com 95% do total de casos registrados.

Em 25 de outubro, a notícia busca fazer uma ligação entre os cuidados apresentados nas campanhas de combate à aids como câncer do colo¹⁶, tendo em vista semelhanças de transmissão sexual existentes entre os vírus HIV e o papiloma vírus humano HPV.

Notícia de 06 de novembro, o cientista Bernardo Galvão, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, conseguiu isolar o vírus HIV pela primeira vez em território brasileiro. A notícia apresenta várias problemáticas acerca da falta de material e segurança durante as pesquisas realizadas no Brasil, bem como o atraso da descoberta, tendo em vista que países desenvolvidos já haviam feito isso quatro anos antes. A importância dessa descoberta nesse momento está vinculada à possibilidade de uso de futuras vacinas que possam ser criadas, bem como entender de onde parte esse vírus, sendo esse identificado como HIV-1, encontrado nos Estados Unidos, e não o HIV-2 presente no continente africano.

3- A AIDS em Sergipe

Entender os posicionamentos em diversas áreas da população sergipana é essencial para compreender de que maneira a aids impactou as relações, compreendendo propostas políticas, a forma como os espaços de saúde eram representados e o que parte da população entendida como grupo de risco, mais especificamente mulheres que exercem a prostituição, afirmavam sobre a doença e os estigmas, bem como a atuação do médico Almir Santana.

Em 13 de março, uma notícia relatou que a comunidade homossexual em Sergipe questionou a afirmação de que os sete casos diagnosticados de AIDS no estado eram de homens gays. Além disso, eles criticaram a campanha de prevenção veiculada na televisão, temendo que ela reforçasse o estigma contra os homossexuais.

Nota de 31 de março, durante a greve bancária, o presidente do Sindicato dos Radialistas fez um trocadilho com a sigla AIDS, definindo-a como "Alto Índice de Defasagem Salarial", afirmando que a maioria dos trabalhadores no Brasil sofria desse "mal".

¹⁶ Tumor que se desenvolve no colo do útero.

Em 3 de abril, o acompanhante de um homem hospitalizado expressou preocupação de que os mosquitos no hospital pudessem transmitir o vírus HIV do paciente internado com AIDS para seu irmão, e desejava a retirada dele do hospital o mais rápido possível.

A nota da edição de 7 de abril, apresenta que o Serviço Social da Indústria (Sesi) e a Sociedade Médica de Sergipe (SMS) firmaram um convênio para promover um programa de saúde sobre a AIDS, visando os trabalhadores.

Em 13 de maio, o repórter e candidato a vereador Manoel Bonfim defendeu maior cuidado do governo estadual com o vírus HIV. Durante sua campanha política, distribuiu preservativos e destacou a descrença da população, que via a campanha contra a aids como um movimento moralista.

Na notícia de 19 de julho, um texto destacou as problemáticas do Estado, incluindo a proliferação de ratos, HIV e corrupção, além de problemas de saúde pública e crise econômica, que são temas frequentes no Jornal de Sergipe.

Em 7 de agosto, o Disque-Saúde foi destacado como parte da campanha estadual contra a aids. Embora não seja exclusivamente focado na aids, o serviço funciona como um canal de comunicação com a população para fornecer informações sobre a doença, além de outras condições de saúde relevantes.

Por meio das notícias é possível perceber que existia uma problemática no acesso à informação, e constantes críticas a forma como essas informações eram realizadas. Outro ponto a ser destacado é entender que a chegada da aids a Sergipe estava ocorrendo durante um momento econômico problemático, sendo possível encontrar diversas notícias repercutindo greves em todos os setores, bem como questões acerca de outras doenças críticas no estado.

3.1.1- A Prostituição

Em 15 de fevereiro, uma notícia abordou a prostituição em Aracaju, destacando a presença de menores de 18 anos e a existência de prostituição masculina. As entrevistas com homossexuais e travestis revelaram que, embora estivessem cientes do risco da aids, não consideravam essa doença como uma grande preocupação.

Já em 15 de março, o jornal publicou entrevistas com mulheres que exercem a prostituição e homens que pagam por esses serviços. As mulheres demonstraram descrença em relação à doença, adotando uma narrativa de que o vírus teria um intuito conservador, visando que esses homens voltem para suas famílias e sugerindo que o foco do vírus estaria em outro local da cidade, onde homossexuais exercem a prostituição; os que pagam pelas relações sexuais dizem temer que esse vírus entre em seus espaços familiares.

A nota de 26 de abril, na coluna "Os Inusitados", foi relatada a soltura de Maria Santos, uma prostituta que alegou estar doente, o delegado Helvécio Maia, assustado, decidiu soltá-la, no entanto, após verificar no Hemose não foi encontrado registros que comprovassem

Em 22 de julho, um relato apresentou depoimentos de mulheres que exercem a prostituição, descrevendo o cenário da época. Todas afirmaram que a prostituição é o único ofício que sabem exercer. Elas relataram uma resistência dos homens ao uso de preservativos e uma diminuição no número de solicitações de serviços, argumentando por vezes que a baixa procura estaria relacionada a situação econômica do país.

No livro *Repressão Sexual* da Marilena Chaui, encontramos uma discussão sobre a moralidade projetada na prostituição, iniciada por meio de um trecho do livro *Iniciação Sexual*, escrito por Oswaldo Brandão da Silva.

(...) muitas das mulheres que alugam o corpo a troca de dinheiro, exercem, sem saberem, uma cruel vingança, veiculando os germens e moléstias incuráveis, fazendo centenas de vítimas por uma vítima que foi talvez ela própria. (SILVA, 1938, n.p.)

O trecho anterior a descoberta do vírus HIV já apresenta uma visão estigmatiza acerca da atuação no campo sexual, a Marilena Chaui diz que “A prostituição é, portanto, um problema moral e de higiene”, essa proposta discursiva demonstra a fundamentação social da crença de que o vírus seria uma forma de controle moral desses corpos.

3.2- HEMOSE

A notícia de 20 de fevereiro, relatou uma diminuição nas doações de sangue devido ao medo da contaminação por transfusão de sangue, em seguida, foi feita uma propaganda velada do laboratório Parreira Horta, destacando suas especificidades tecnológicas para coleta segura de sangue em exames.

Em 8 de março, foi confirmado mais um caso de aids em Sergipe, totalizando sete casos confirmados no estado, alguns desses casos eram de pessoas que já haviam sido diagnosticadas em outros estados e se mudaram para Sergipe. O diretor do Hemose, Edgar Santos, recomendou que a população permanecesse tranquila e prestasse mais atenção às campanhas nacionais de prevenção, além disso, o diretor do Centro de Transfusão da França, Jean Jacques Huarte, visitou os hemocentros do país para um intercâmbio cultural no campo da medicina, e acompanhou a chegada desse novo diagnóstico no estado.

Em 11 de março, Edgar Fernandes Silveira Filho, diretor do Hemose, atualizou as informações sobre os diagnósticos de aids no estado, dos sete casos confirmados, três já haviam sido diagnosticados em outros estados, e todos eram homens sergipanos e homossexuais; na busca por enfatizar que não existia uma perseguição a homossexuais Edgar afirmou que os bissexuais eram os responsáveis pelo maior risco de transmissão, devido às relações com ambos os sexos. Quanto à localidade dos portadores do vírus diagnosticados, Edgar informou que dois eram de Itabaiana, um de Boquim, um de Santa Luzia do Itanhim e os demais de Aracaju. Apenas um paciente estava internado, tendo relatado mais de 600 relações sexuais após suspeitar do diagnóstico.

Nota do jornal de 7 de abril, Hamilton Pequeno, na coluna de opinião, destacou que pessoas marginalizadas são frequentemente alvo para doação de sangue, atraídas por oferta de alimentação ou cuidados básicos, além disso, ele chamou atenção para a falta de análise adequada desses doadores, o que pode contribuir para a proliferação da aids.

Em 20 de maio, o diretor do Hemose, Edgar Fernandes, anunciou que em 60 dias começariam os exames para detectar o vírus HIV no estado. Esse prazo é necessário para capacitar profissionais e garantir recursos financeiros para a compra de materiais e especializados, com isso, o Hemose poderá realizar testes em todas as doações, sendo o único local do estado a realizar essa testagem até o momento.

A notícia de 27 de junho, repercute fala de Edgard Silveira, diretor do hemose, confirmou 13 casos positivos para o vírus no estado, e reforçou que só parte desses não apresenta a evolução para doença no momento; questionou a eficácia da campanha nacional, ressaltando a necessidade de mais tempo de campanha e outras estratégias para acessar localidades mais isoladas; no contexto local ressaltou a importância das palestras desenvolvidas pelo Dr. Almir Santana, em bairros periféricos de Aracaju e seu ardo trabalho de levar informação; outro ponto trabalhado foi a necessidade de um espaço para o tratamento dos doentes, tendo em vista que nem todos os profissionais da saúde aceitam atendê-los, e revelou um projeto de expansão no hospital João Alves Filho, para a adição de uma área de isolamento.

Na edição seguinte, a notícia apresenta as necessidades de melhoras para o atendimento, apresentados por Edgar, e demonstra o descaso da Secretaria da Saúde em escolher um técnico para falar na Assembleia Legislativa que encerrarão suas atividades do primeiro semestre do ano em poucos dias, segundo Marcelo Ribeiro, os médicos e enfermeiros estão recusando atendimento por não receber um treinamento técnico e salientou que já fez sua parte ao solicitar a presença de um técnico na Assembleia.

Em 29 de agosto, Ubirajara de Carvalho Macedo, funcionário público, apresentou uma denúncia contra uma clínica associada ao diretor do Hemose, alegando que ela cobrava por exames de sorologia, em resposta, foi esclarecido que qualquer clínica pode realizar o exame, e que a responsabilidade do Hemose era realizar esses exames apenas em doadores de sangue.

No entanto, essa denúncia parece ter aberto um precedente para que outras informações fossem divulgadas, no dia um de setembro, uma notícia foi publicada para esclarecer a denúncia anterior, mas acabou destacando os serviços do laboratório "Exame", que era o único em Sergipe a realizar testagens particulares, ressaltou os valores e a tecnologia avançada do laboratório.

A controvérsia em torno da denúncia inicial parece ter se aprofundado, em três de setembro, o diretor do Hemose anunciou sua intenção de processar o denunciante por considerar a queixa caluniosa, segundo ele, a identidade apresentada pelo denunciante era falsa, e na verdade se tratava de um funcionário do Hemose que havia sido advertido por ausência no plantão de carnaval.

Por fim, em 4 de setembro, o laboratório "Exame" foi novamente destacado pela imprensa, que enfatizou sua localização estratégica e sua capacidade de realizar exames de sorologia com rapidez e eficiência.

O processo de construção do saber acerca da hemoterapia no Brasil foi diretamente impactado pela chegada da aids, dados da década de 1980 retratam que 50% dos hemofílicos apresentam infecção pelo vírus HIV; as notícias em Sergipe demonstram a preocupação da população, e por consequência a diminuição dos números de doadores. Entre as mudanças no campo da hemoterapia nesse período, podemos encontrar no trabalho História da Hemoterapia no Brasil, realizada pela Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia as seguintes pontuações.

(...) substituição da doação anônima pela personalizada, o incremento de todos os métodos de autotransfusão e a disciplina do uso do sangue, de seus componentes e derivados através de judiciousa avaliação do trinômio riscos/benefícios/custo (JUNQUEIRA, P. et al., 2005, n. p.)

Sendo possível assim, compreender o temor por parte da população sergipana, e como essas interferências, mesmo que em campo estadual, podem indicar uma problemática ampla.

Outro ponto relevante é perceber as relações econômicas ligadas as doenças, geralmente vinculadas ao campo farmacêutico, muito associado a economia sobre as doenças, mas nesse primeiro momento, os laboratórios utilizaram as demandas de segurança na

execução de exames e a grande busca por diagnóstico do vírus HIV como possibilidade de comércio.

3.3- Dr. José Almir Santana

Dentro do campo da saúde em Sergipe, o médico sanitário José Almir Santana, com formação pela Universidade Federal de Sergipe em 1981 e coordenando o Programa Estadual de DST/Aids desde 1987, e o primeiro médico a aceitar atender pacientes com HIV/Aids no estado, sendo assim, após a análise de fontes, faz-se notório a ligação do Dr. José Almir Santana com o tratamento de aids em Sergipe. Sua conduta médica, apresentada nas edições do Jornal de Sergipe, o diferencia dos modelos retratados de outros profissionais da área da saúde no estado e no Brasil, sua luta pela saúde dos portadores do vírus HIV e pelo combate à proliferação da doença se mantém até os dias de hoje, estando há mais de 30 anos à frente do IST/Aids. Nas notícias abaixo, é possível acompanhar um pouco desse trabalho no primeiro ano de chegada do HIV em Sergipe.

Em 23 de janeiro, a Secretaria da Saúde realizou um trabalho importante por meio do médico Almir Santana, tendo como objetivo cadastrar mulheres e homens que exercem a prostituição, com o intuito de acompanhar e controlar os quadros de infecção sexualmente transmissíveis, como sífilis, gonorreia, cancro mole e aids.

No dia 2 de fevereiro, foi anunciado a realização de uma campanha informativa sobre a aids, patrocinada pelo Ministério da Saúde, que ocorreria no meio do mês. O Doutor Almir Santana, em uma tentativa inicial de esclarecimento, forneceu informações iniciais sobre a transmissão da doença e os principais cuidados a serem tomados. Além disso, ele buscou acalmar a população em relação ao risco de transmissão da aids por beijo, um mito que estava sendo difundido na época. A reportagem também destacou que, até aquela data, Sergipe possuía três diagnósticos positivos de aids e dois suspeitos.

Em 7 de fevereiro, José Almir Santana, coordenador do programa de controle da síndrome da imunodeficiência adquirida, revelou que o número de infectados em Sergipe pode ser maior do que os três casos já diagnosticados, que são provenientes de São Paulo e do Rio de Janeiro, apenas um dos pacientes permaneceu internado no Hospital da Polícia Militar. Além disso, foi informado que uma campanha de conscientização sobre a AIDS iria iniciar no dia 16 de fevereiro.

Em 19 de fevereiro, por meio de entrevistas com gerentes de diversas farmácias em Aracaju, foi traçado um perfil sobre a venda de preservativos; dois gerentes relataram uma queda nas vendas em comparação com os últimos meses, enquanto as outras farmácias

mantiveram o número de vendas. Almir Santana alertou sobre a campanha nacional no dia 20, desmentindo um suposto quarto caso divulgado em outras mídias e reforçou a importância da imprensa se concentrar mais nas campanhas e informações educativas e menos na busca por novos casos.

Na edição de 9 de agosto, a reportagem enaltece as palestras realizadas pelo médico Almir Santana, desenvolvidas em associações de bairros, escolas, postos de saúde, hospitais e presídios, avisando sobre a propagação da informação acerca da doença, a reportagem foca principalmente nas possibilidades de se proteger, além disso, adota um caráter inovador ao considerar o público feminino essencial para o uso de preservativos masculinos. A reportagem demonstra como Almir, em suas palestras, conversa, tira dúvidas e demonstra a funcionalidade dos preservativos, em seguida, apresenta diversos relatos de mulheres e suas descobertas acerca desse item clínico, abordando inclusive a temática do prazer feminino com o uso de preservativos diferentes, sendo esse discurso importante para incentivar o uso de preservativos pela população, tendo em vista a baixa adesão dos homens, sendo assim, é importante ressaltar que, após as campanhas no estado, a venda de camisinhas triplicou.

Em 30 de agosto, o grupo Dialogay¹⁷ de Sergipe discutira em Assembleia acerca dos direitos gays na Constituição, com a presença do Triângulo Rosa¹⁸, grupo do Rio de Janeiro, e a fala do doutor Almir Santana sobre a aids.

Em 5 de setembro, a palestra abordou a problemática da aids, com a participação do médico Almir Santana e da também médica Cláudia, da Sociedade Civil de Bem-Estar da Família do Estado do Rio de Janeiro, além disso, a palestra também discutiu o preconceito contra homossexuais, um tema ministrado pelos grupos Dialogay e Triângulo Rosa, que lutam pela liberdade homossexual nos estados.

Em 18 de setembro, Almir Santana apresentou na Assembleia um panorama detalhado sobre a aids, abordando seu surgimento, as ações e problemas enfrentados, tanto nacional quanto estadual, destacando Itabaiana como uma localidade sergipana que requer maior atenção, ressaltando a importância de proteger a identidade das pessoas soropositivas. Sua apresentação foi muito elogiada devido ao seu profundo conhecimento sobre o tema.

A representação da atuação de Almir Santana no Jornal de Sergipe sempre está vinculada a informação, seja a coleta ou divulgação deles. Foi devido a permanência, até os dias atuais, desse caráter informativo de suas falas em jornais que viabilizaram o acesso a essas fontes.

¹⁷ Primeira associação homossexual de Sergipe, fundamental na luta pelos direitos LGBT.

¹⁸ Coletivo de homossexuais fundado em 1985.

Considerações Finais

Com o tempo, entre o primeiro diagnóstico nos Estados Unidos e a chegada do vírus em Sergipe, é possível perceber que os estigmas que correlaciona a doença com os homossexuais chegam primeiro, afetando a percepção coletiva acerca da aids, porém, a análise de jornais da época não é suficiente para determinar a mídia como único fator de consolidação dessa percepção.

O surgimento de uma nova doença e a estrutura de diagnóstico característica das ciências médicas, embasadas no preceito de padronizar e catalogar sintomas, explica e fundamentam o início do estigma, no entanto, a permanência e consolidação desse se dá também em detrimento da manutenção discursiva após surgirem elementos que enfraqueciam a ideia inicial, e nesse sentido, o jornal analisado se faz atuante, em momentos apresentando informações que iriam contra essa narrativa, em outras reportagens reforçam a ideia de homossexuais e homens bissexuais como centrais do problema.

A análise das fontes ampliou minha percepção sobre a aids em Sergipe, sendo possível pensar a doença dentro de diversos problemas apresentados no momento; se iniciei a pesquisa buscando entender como era representado na mídia sergipana a aids, hoje eu entendo que por vários momentos ela vai ser encontrada entre notas de greves, crises econômicas, proliferação de ratos, poliomielite, raiva e outras diversas doenças e violências.

Um aspecto que me surpreendeu está relacionado ao discurso recorrente de pensar a doença como um “mal do outro”, seja em pensando um país, um estado, uma profissão ou uma orientação sexual, em diversos momentos é possível perceber sustentação dessa narrativa, tendo como intuito inicial compreender de onde parte, mas se mantém na busca por se diferenciar do que pode estar doente. Sendo assim, reforçou meu entendimento sobre a problemática de pensar os grupos de risco, sendo necessário difundir mais a ideia de ações de risco, entendo em vista, que encontramos nessa proposta um vínculo direto com as ações de prevenção, por vezes esquecidas nas matérias, mas essenciais para o controle do vírus.

Penso essa pesquisa como início do contato com a História da Saúde, e descubro um mar de possibilidades e questionamentos dentro desse campo, com base na afinidade pelo tema, pretendo elaborar trabalhos futuros, analisando a AIDS em Sergipe em uma escala maior de tempo, mas principalmente, conhecer mais sobre a atuação do médico Jose Almir Santana, sua ligação com o tema é construída até os dias atuais e merece muito reconhecimento.

Por fim, é notório o impacto do Jornal de Sergipe na percepção e retratação da população, demonstrando nuances dos alarmismos com a chegada do novo vírus e a desconfiança de uma ideia moralista, essas percepções são essenciais na contribuição da

história da saúde, que por vezes, busca compreender como os grupos sociais interagem com as novas doenças.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIAS

- AYOUBA, A.; PEETERS, M. **Vírus da Imunodeficiência Humana: Origem.** In: PRIMATAS NÃO HUMANOS EM PESQUISA BIOMÉDICA. 2. ed. Volume 2. ,2012. Capítulo, 2014. Módulo de Referência em Ciências Biomédicas;
- BARROS, Victor Paes de. **Violência e direitos humanos nas fronteiras do Brasil.** São Paulo: Paralelo 15, 2007;
- BASTOS, Francisco Inácio. **AIDS na terceira década.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. 104 p. ISBN 8575410911. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575413012>;
- BRUCK, Mozahir Salomao. **O Jornalismo Diante de Novos Cenários Sociais: A Imprensa e o Surgimento da AIDS e do Crack.** São Paulo: Intermeios, 2016;
- CAMPANA, Pedro. **AIDS no Brasil: do primeiro caso à estruturação das políticas de saúde.** CartaCapital, 15 jul. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/saude/gbt/aids-no-brasil-do-primeiro-caso-a-estruturacao-das-politicas-de-saude/>;
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida.** São Paulo: Círculo do Livro, s.d.;
- Cleri DJ, Ricketti AJ, Vernaleo JR. **Fever of Unknown Origin Due to Zoonoses.** Infect Dis Clin North Am. 2007;21(4):963–996. Doi: 10.1016/j.idc.2007.08.009;
- DUESBERG, P. **HIV não é a causa da AIDS.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 11, n. 1, p. 98-104, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000100010>;
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 3 volumes;
- GUGLIOTTI, J. P.; SCHRAIBER, L. B. **Sangue impuro: especialistas, instituições e autoridade cultural no contexto da Aids no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, e07322023, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320242910.07322023>;
- HOCHAMAN, Gilberto et al. **História da saúde no Brasil.** São Paulo: Hucitec Editora, 2018. 1. ed.;
- JUNQUEIRA, P. C.; ROSENBLIT, J.; HAMERSCHLAK, N. **História da Hemoterapia no Brasil.** Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia, v. 27, n. 3, p. 201-207, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-84842005000300013>
- LE GOFF, Jack; SURNIA, Jean-Charles. **As doenças têm história.** Tradução de Laurinda Bom. São Paulo: Terramar, 1991;
- MALBERGIER, André. **Aids e psiquiatria: um guia para os profissionais de saúde.** Revinter, 2000;
- NETO, Antônio Fausto. **Comunicação e mídia impressa: estudos sobre a AIDS.** 1. ed. São Paulo: Hacker Editores, 1999;
- PAPE, Jean William; FARMER, Paul; KOENIG, Serena; JOHNSON, Warren. **The epidemiology of AIDS in Haiti refutes the claims of Gilbert et al.** Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 105, n. 10, p. E13, 11 mar. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1073/pnas.0711141105>;

SILVA, A. F. C. da; CUETO, M. **HIV/Aids, os estigmas e a história**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 311-314, abr./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000200001>;

SILVA, Élcio Luiz Santos. **A "peste de gay": imprensa aracajuana e os primeiros casos da AIDS no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Sergipe, 2022;

TER-GRIGORYAN, Svetlana. **The Blame Game: The USSR's Response to HIV/AIDS**. Origins: Current Events in Historical Perspective, jun. 2020. Disponível em: <https://origins.osu.edu/connecting-history/covid-hivaids-ussr-us-response>;

TONTONOZ, Matthew. **When AIDS Was a Cancer**. Immune to Cancer: The CRI Blog, Cancer Research Institute, 1 ago. 2014.